

## EDUCAÇÃO: COMO ROMPER COM A LÓGICA DO CAPITAL?

**Carmen Lucia FERREIRA<sup>1</sup>**  
RENAFOR/UFTM

**Valter Machado da FONSECA<sup>2</sup>**  
UNIUBE

### RESUMO

Este ensaio surgiu dos estudos e reflexões durante a disciplina: *Tópicos especiais em trabalho, sociedade e educação II. Estado e escola capitalista* (relação público-privado), sob a orientação do professor Dr. Antônio Bôsko de Lima, no Programa de Pós-graduação – Mestrado/Doutorado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/FACED/UFU). O texto foi construído por intermédio de pesquisa bibliográfica. A intenção das reflexões deste ensaio é analisar as contradições emergentes deste modelo educacional, sob a luz do pensamento marxiano. É notório que a educação vive, nos tempos presentes, uma crise profunda, a qual reflete as mesmas crises que marcam a sociedade dos dias de hoje. Então, surge para nós educadores e educadoras o gigantesco desafio da construção de alternativas que visem a amenizar a crise e contradições existentes no interior do processo educacional contemporâneo. A partir do conteúdo estudado na referida disciplina, buscamos a reflexão sobre as principais contradições e incongruências oriundas deste modelo educativo com vistas à busca de outro paradigma que ressignifique a educação, a escola e o trabalho docente. Os autores indagam ainda sobre o papel do currículo na escola moderna e a significação e disposição dos conteúdos na educação tradicional. Nesta perspectiva, a pesquisa aponta que para sanar e, ao mesmo tempo, apontar alternativas reais para a crise educacional, é necessário que combinemos a luta pela busca de outro modelo de escola com a busca de soluções dos grandes problemas que marcam a sociedade capitalista contemporânea.

**Palavras chave:** Capitalismo – Escola – Pedagogia Crítica – Literatura Marxiana.

### Introdução

Este ensaio nasce dos estudos, debates e reflexões adquiridos durante a disciplina, *Tópicos especiais em trabalho, sociedade e educação II. Estado e escola capitalista*, do

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora. da Rede Nacional de Formação Continuada – RENAFOR/UFTM.

<sup>2</sup> Escritor. Geógrafo, mestre e doutor em Educação pela UFU. Professor e pesquisador da Universidade de Uberaba – UNIUBE.

Programa Mestrado/Doutorado de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, sob a coordenação do prof. Dr. Antônio Bosco de Lima.

Por meio da pesquisa bibliográfica, buscamos levantar reflexões analisando as contradições entre o atual modelo educacional e as concepções marxianas, procurando, assim, entender como o referido pensador percebia a educação.

Dentre os autores estudados, trouxemos como suporte teórico para a composição deste ensaio Karl Marx e Engels, Roger Dangevilhe, José Claudinei Lombardi, Istvan Meszáros, Antônio Bosco de Lima, Luiz Carlos de Freitas, e Valter Machado da Fonseca.

O texto por intermédio do qual, tiveram origem as principais reflexões, foram os escritos de Lombardi (ano) *Educação e Ensino na obra de Marx e Engels: fundamentos da proposta pedagógica comunista*. O trabalho de Lombardi traz uma importante reflexão acerca dos estudos de Karl Marx e Engels com vistas a uma pedagogia para além deste modelo de produção econômico.

É nesta vertente que este texto foi construído, buscando o entendimento do que venha a ser de fato a aplicabilidade de uma pedagogia crítica, e as possibilidades de sua introdução neste paradigma de sociedade na qual estamos inseridos.

### **Situando o sujeito: de onde estamos falando quando nos propomos a discutir uma Pedagogia comunista?**

*“A doutrina materialista de que os seres humanos são produtos das circunstâncias e da educação, [de que] seres humanos transformados são, portanto, produtos de outras circunstâncias e de uma educação mudada, esquece que as circunstâncias são transformadas precisamente pelos seres humanos e que o educador tem ele próprio de ser educado”. (Karl Marx)*

Dada à relevância do tema em estudo, nos parece bastante pertinente iniciar este tópico com esta passagem textual em Marx, encontrada nas Teses sobre Feuerbach. Para falar sobre educação, primeiro é preciso situar de onde estamos falando, em qual contexto estamos inseridos e a serviço de quem estamos trabalhando. É preciso que os educadores estejam em constante reflexão sobre sua prática educativa, bem como na ação prática para superação de seus entraves.

Mais ainda, é necessário trazer à baila algumas indagações: *Qual o papel da escola sob este modelo de produção? Qual o perfil dos sujeitos que queremos formar? Como ultrapassar e superar as barreiras impostas pelas políticas educacionais? Qual sujeito o Estado quer formar?* Fonseca (2012, p. 6) nos acentua que,

A sociedade moderna está submetida ao crivo do modelo capitalista de produção e, seguindo esta lógica, a escola também se submete a este crivo. Logo, a política que regula esse modelo econômico estende seus tentáculos para o interior da escola, influenciando, diretamente, o processo educacional e a construção dos diversos modelos curriculares. A escola passa, então, a funcionar como caixa de ressonância<sup>3</sup> dos anseios das elites detentoras do poder político e econômico que fazem a gestão do atual modelo econômico.

Nesta passagem textual o autor evidencia o quanto o capital é perverso e se apodera das reivindicações e manifestações advindas dos setores populares, como forma de impedir quaisquer ações, ou avanço que vise a uma educação que dialogue o mais próximo possível com a verdadeira essência do ser humano. A eficácia do capital faz com que na grande maioria das vezes, em nossa prática cotidiana, chegamos a pensar erroneamente que estamos fazendo “algo para mudança”, ou que temos “liberdade de expressão”, enquanto na verdade, retomando Fonseca (2012), estamos (professor e escola), servindo apenas como “caixa de ressonância” deste modelo econômico de produção. Diante disso, para buscar compreender como Marx e Engels percebiam a educação é preciso termos em mente o contexto da sociedade e da conjuntura como um todo. O que queremos dizer é que não se pode ficar na superficialidade dos fatos, ou ter como foco de pesquisas somente temáticas fragmentadas, direcionadas apenas à educação de forma descontextualizada. É preciso pensar a sociedade enquanto uma macroestrutura e visualizar a educação imersa dentro deste contexto. Então, quando ouvirmos falar em crise educacional, não devemos entender que resolvendo o problema da crise na educação, as coisas por si só estarão resolvidas, o que é uma inverdade. É necessário pensar nos conflitos a partir de um contexto estrutural, no qual estamos inseridos. Mais que isso, faz-se necessário ainda,

[...] abordar aspectos que são fundamentais e, ao mesmo tempo, presentes em uma totalidade. Em primeiro lugar, a união entre o ensino e o trabalho como uma ferramenta para a construção de um novo homem. Em segundo lugar, a negação da escola burguesa (iluminista) vista como um instrumento de legitimação de uma classe sobre outra. Por último, o conceito da revolução como um fenômeno educativo. (LUCENA, ET AL, 2011,p.275)

Marx e Engels em seus ensinamentos diziam que a educação sempre se voltou para o atendimento dos desejos das elites detentoras do poder político e econômico. Ou seja, neste modelo de sociedade sempre houve a prática da “legitimação de uma classe sobre a outra”, ao mesmo tempo, a escola e a educação foram criações da humanidade. Assim, sob a ótica desses pensadores, o que é equivocadamente é a forma de apropriação da criação humana e não a própria criação. Nesse sentido, a escola constitui-se do corpo de reivindicações históricas da classe trabalhadora. Por isso, Marx e Engels sempre colocaram a educação e o ensino dentro

<sup>3</sup>Grifos dos autores.

deste conjunto de reivindicações, pois, assim como eles defenderam o direito dos trabalhadores às produções humanas eles o fazem também com relação à educação.

Marx em seus estudos sobre a Economia Política mostra, de forma contundente, seu interesse central em conhecer a fundo a sociedade capitalista. Para tanto, ele necessitava aprofundar seus estudos acerca das categorias centrais de seu trabalho, as quais iriam nortear-lo na compreensão do modo de produção capitalista. Assim, as categorias: *mercadoria*, *capital* e *trabalho* passaram a ocupar um lugar central em sua produção literária. A escola defendida por esses pensadores tinha como norte prioritário a formação humana para enfrentar a vida e as contradições no mundo do trabalho. Isto fica bem evidenciado em uma obra aparentemente curta, porém, extremamente densa: *Crítica da Educação e do Ensino*, de autoria de Karl Marx e Friedrich Engels e tradução de Roger Dangeville. Nesta obra os autores levantam algumas indagações sobre a Educação Popular:

O Partido Operário Alemão exige como base espiritual e moral do Estado: 1) Educação Popular geral e igual a cargo do Estado. Assistência escolar obrigatória para todos. Instrução gratuita. Educação Popular igual? Que se entende por isto? Acredita-se que na sociedade atual (que é a que se trata), a educação pode ser igual para todas as classes? (MARX; ENGELS, 78, p.91)

Então, Marx e Engels sempre mostraram uma preocupação maior com as causas da dominação capitalista, ou seja, as raízes sob as quais se reproduz o capital e não com suas consequências. O problema da educação se situa no campo das consequências. Veja bem! Resolvendo as questões inerentes às raízes do problema, conseqüentemente resolver-se-á o problema da educação e do ensino. Em resumo, eles sempre se preocuparam com a formação intelectual e profissional da classe trabalhadora, porém, apontando para uma perspectiva de outro modelo de sociedade. Desta forma, não se pode pensar ou trabalhar um projeto educacional perdendo de vista a construção de um novo paradigma de produção econômica. Mézáros (2006) nos adverte:

Nunca é demais repetir: nada se conquista por meio de simples mudanças institucionais nessas questões, porque a abolição das instituições existentes deixa atrás de si um vazio que de alguma forma deve ser preenchido, e ele não será, certamente preenchido pelo estabelecimento legal de novas instituições, que são, em si mesmas, apenas uma moldura vazia em busca de um conteúdo. Na mudança institucional formalizada não há nenhuma garantia contra a reprodução, de uma nova forma, das contradições das velhas instituições. (MÉSZÁROS, 2006, p. 172)

Assim, é preciso pensar a educação, não numa perspectiva de reformas como propõe o modelo neoliberal, mas, acima de tudo, devem ser pensados numa lógica combinada com propostas de superação das contradições originadas deste modelo econômico, pois, a educação (como já foi elencado anteriormente, na visão Marxiana) historicamente, sempre

serviu para o fortalecimento do ideário das elites conservadoras. Para tanto, recorremos, outra vez, a Mészáros:

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma “internalizada” (isto é, pelos indivíduos devidamente “educados” e aceitos) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente impostas. (MÉSZÁROS, 2005, p.35)

De acordo com Mészáros, as lutas a serem travadas em prol de uma educação de qualidade se dão nos marcos que permitam vislumbrar outro modelo de escola e de sociedade. Um modelo para além do capital! Posto que o problema não está localizado no educando ou no educador, mas na *estrutura* deste modelo de desenvolvimento, que coisifica o homem e a natureza, que afasta aluno e professor de sua essência, enquanto parte de um todo.

### **Como perceber a educação e seu papel histórico.**

Como se pode observar, de acordo com o que foi elencado até o momento no texto, trabalhar com educação neste modelo de sociedade, requer por parte do educador uma compreensão maior acerca dos fatos que a permeiam. Não foi por acaso que Marx se preocupou em estudar e compreender no decorrer de toda a sua existência, como se dá o processo de criação e evolução da sociedade capitalista.

Já dissemos também que para Marx a escola está inserida dentro desta macroestrutura, que é o modelo de produção capitalista. Então, para entendermos como se dá a aplicação de uma Pedagogia inovadora é preciso que entendamos também como funciona este movimento do modelo de produção capitalista.

Freitas (2003, p. 3) nos diz que:

A forma como a escola funciona atualmente não é ingênua, ela organiza os tempos e os espaços da escola de forma a impor um único ritmo de aprendizagem a todos. Historicamente, a escola se distanciou da vida [...] Esse afastamento foi ditado por uma necessidade do capitalismo de uma escola para preparar rapidamente, e em série, recursos humanos para alimentar a produção de forma hierarquizada e fragmentada. Esse afastamento da vida real levou aos processos de aprendizagens artificiais necessários para facilitar a aceleração dos tempos de preparação dos alunos. As necessidades de preparação de mão de obra no capitalismo fez com que a escola tratasse o conhecimento como algo partido em disciplinas, distribuído por anos e os anos foram subdivididos em partes menores que servem para controlar uma certa velocidade de aprendizagem do conhecimento.

De fato, nesta sociedade denominada por alguns estudiosos de “sociedade do conhecimento” não se educa para “ser”, educa-se para “ter”. Consumir! Esta é a palavra de

ordem. Assim, a escola se transformou em um local de competições, de produções em série, de submissão às regras. Não há espaço para a vida na escola. Há que se perceber que o papel histórico da escola, na sociedade regida pelo capital, os sujeitos como seres produtores de conhecimentos significativos para a compreensão do mundo e de edificação de projetos de homem e de natureza foram abstraídos. O papel histórico desta escola nos parâmetros capitalistas se edifica, em primeiro lugar, sob as necessidades imperiosas das forças de expansão e reprodução da mais-valia. Neste sentido, não se educa para a vida, para a compreensão do mundo, mas, ao contrário, se educa para atender as demandas do mercado de consumo.

É neste cenário, de hegemonia do capital, que a educação e seus atores estão inseridos. O sistema capitalista desconsidera o contexto social dos educandos, bem como suas particularidades, privilegia determinadas disciplinas em detrimento de outras, dissemina um discurso falacioso, sendo que a prática é outra, não considera o ensino contínuo, dentre inúmeros fatores que compromete, sobremaneira, a prática pedagógica dos professores. Na visão de Fonseca (2012, p.10)

[...] nós educadores que defendemos outra perspectiva, outro modelo de educação, devemos romper com as proposições que separam o mundo do trabalho em diferentes concepções e patamares. Acima de tudo [...] contextualizar o mundo do trabalho e sua divisão social, sob pena de não conseguirem levar a cabo uma proposta eficaz de formação docente comprometida com a transformação da realidade educacional dos tempos modernos. [...] o trabalho docente deve ser interpretado e analisado visando não ao atendimento deste modelo de educação que aí está, mas, ao contrário, ele deve ser pensado em consonância com um modelo de educador capaz de promover a emancipação de educadores e educandos diante da exploração e das amarras da sociedade capitalista.

### **O currículo na escola da modernidade: construções e (des) construções**

É lógico que a escola/educação segue um modelo construído aos moldes dos interesses políticos majoritários que regem a sociedade moderna, ou seja, o modelo de produção capitalista. Sendo assim, o currículo é construído sob a égide dos anseios do capital, não se trata de uma construção neutra, isenta de intenções, conforme preconizam os gestores da política educacional do Estado Moderno. Para iniciar este debate, o recorte textual de (APPLE, 2000) ajuda na compreensão da construção curricular.

O currículo nunca é simplesmente uma montagem neutra de conhecimentos, que de alguma forma aparece nos livros e nas salas de aulas de um país. Sempre parte de uma tradição seletiva, da seleção feita por alguém, da visão que um grupo tem do que seja o conhecimento legítimo. Ele é produzido

pelos conflitos, tensões e compromissos culturais, políticos e econômicos que organizam e desorganizam a vida de um povo. (APLLE, 2000, p. 53)

A passagem textual de Apple (2000) convoca à reflexão sobre algumas questões centrais que orientam a construção dos modelos curriculares da escola moderna: O que vem a ser o conhecimento legítimo? Quem define o que é legítimo? Quem é o responsável pela seleção dos conteúdos legítimos? Observe que a contribuição de Apple (2000) trouxe uma sequência interessante de indagações, que podemos utilizar para a compreensão da essência da edificação dos currículos na sociedade atual.

As formulações de Apple (2000) levam ainda à reflexão sobre os interesses dos diversos grupos que estão por detrás da organização e construção curriculares. Para se interpretar esta construção se faz necessário a desconstrução da rede de interesses, contradições e conflitos inerentes da sociedade de classes. Ou seja, se faz preponderante decifrar quais os reais interesses e desejos embutidos/envolvidos na seleção e priorização dos conhecimentos que irão compor a grade curricular da escola moderna.

Quando se fala em currículo, se lembra de construção, de definição de conteúdos, de estabelecimento de padrões, de regras, de escala de prioridades, tudo dentro de certas normas preestabelecidas e seguindo determinada lógica para a organização, produção, reprodução e distribuição de conhecimentos. Quando se refere ao currículo lembra-se, sobretudo, de obediência a uma série de critérios preestabelecidos e pré-organizados segundo a orientação quase que imutável de “especialistas”, cujas funções são organizar, definir, redefinir e priorizar conteúdos, segundo métodos supostamente neutros e isentos de intenções.

É importante salientar ainda que, o currículo é fruto das experiências práticas do processo educacional, ao longo da história das sociedades e, como tal ele exprime os aspectos políticos, econômicos e sociais que marcaram e marcam o desenvolvimento dessas sociedades. Então, ele possui, em maior ou menor grau, elementos que exprimem os avanços e recuos das lutas entre as classes sociais que marcaram e/ou marcam a evolução e o desenvolvimento das sociedades. Diante desses elementos, ele reflete as desigualdades políticas, econômicas e sociais inerentes da sociedade de classes.

Assim, a sociedade dos tempos presentes reflete as mesmas contradições impostas pelo modelo econômico sob a égide do capital. E, seguindo esta mesma vertente, a escola também reflete as mesmas contradições da sociedade de forma geral. Neste sentido, a política que regula esse modelo econômico, expressa a mesma correlação de forças no interior da escola, influenciando, diretamente, as microrrelações de poder internas à escola e a construção dos diferentes modelos curriculares. A escola passa, então, a ecoar os anseios dos detentores

do poder do capital que fazem a gestão do atual modelo econômico de produção, ou seja, o capitalismo.

Então, o currículo é perpassado pelo próprio discurso do saber das elites intelectualizadas. Por isso, ele atua como um agente de controle dos conteúdos e do próprio trabalho do educador dentro da escola. O currículo estabelece uma teia de interesses dos detentores dos meios de produção da sociedade capitalista no interior da escola. Podemos observar que o discurso que percorre os corredores da matriz curricular é carregado de termos como cidadania, igualdade, liberdade, participação, equidade, solidariedade, democracia, representatividade, dentre outros. E, de onde vêm esses termos, afinal? Vêm exatamente dos princípios liberais, sobre os quais é erigida a sociedade capitalista. Esses termos são, na verdade, a forma e a essência dos princípios liberais [que grande número de estudiosos prefere chamar de neoliberais].

Por detrás desses termos “aparentemente” inofensivos encontra-se a mão de ferro do Estado capitalista para exercer o controle sobre os conhecimentos e saberes que devem ser considerados válidos e/ou inválidos para as sociedades. Por detrás deles, o Estado controla as expressões das culturas populares, os conteúdos formais e o trabalho docente. Marilena Chauí elabora com propriedade sobre o papel do Estado como agenciador e controlador do processo de produção cultural dos grupos sociais:

Se examinarmos o modo como o Estado opera no Brasil, podemos dizer que, no tratamento da cultura, sua tendência é antidemocrática. Não porque o Estado é ocupado por este ou aquele grupo dirigente, mas pelo modo mesmo como o Estado visa a cultura. Tradicionalmente, procura capturar toda a criação da cultura sob o pretexto de ampliar o campo cultural público, transformando a criação social em cultura oficial, para fazê-la operar como doutrina e irradiá-la para toda a sociedade. Assim, o Estado se apresenta como *produtor de cultura*<sup>4</sup>, conferindo a ela generalidade nacional ao retirar as classes sociais antagônicas o lugar onde a cultura efetivamente se realiza. Há ainda outra modalidade de ação estatal, mais recente, em que o Estado propõe o “tratamento moderno de cultura” e considera arcaico apresentar-se como produtor oficial de cultura. Por modernidade, os governantes entendem os critérios e a lógica da indústria cultural, cujos padrões o Estado busca repetir, por meio das instituições governamentais de cultura. Dessa maneira, passa a operar no interior da cultura com os padrões de mercado. (CHAUÍ, 2006, p. 134)

Esta tendência do denominado “Estado moderno” em se apoderar das manifestações populares vem no sentido do aparelho estatal distorcer a própria ideia de democracia e participação popular. Ao se apropriar das diversas formas de expressão do povo ele tenta repassar a ideia de “abertura às ideias do povo”, de “igualdade de oportunidades de espaços

---

<sup>4</sup> Grifos do original

de cidadania e criação cultural”. A partir do momento em que ele se apropria das produções culturais populares, inclusive com a injeção de recursos advindos do próprio povo, ele também cria todas as condições efetivas para o controle destas criações, institucionalizando-as e colocando-as sob as rédeas do mercado de capitais e de consumo.

Então, para romper com este cenário é preciso fazer da escola um espaço onde se possa discutir seu papel social, a qual se localiza dentro de um contexto sociocultural que reproduz a lógica do mercado e a necessidade de expansão do capital. Faz-se necessário também formar professores que sejam capazes de agir, no sentido de transformação da realidade social. A educação deve se colocar como um canal de debate de sua própria crise, ligando-se a um projeto de sociedade que privilegie a cultura, as artes, a criatividade e, principalmente, que elimine o índice de exclusão, pelo qual alunos e professores vivenciam neste atual modelo de sociedade. Mais ainda, é fundamental que o educador alie a teoria à sua prática rumo a construção de conhecimentos que levem os sujeitos a questionarem a educação alienante e reprodutora dos anseios das elites dominantes, gestoras do capital.

### Considerações Finais

*“Os modos de produção ocorrem historicamente, se organizam, se reorganizam **com educação**<sup>5</sup>, mas com ou **sem escola**.”* (LIMA, 2012, p.7)

O termo [parciais] destacado entre colchetes, se justifica, considerando que os estudos e pesquisas acerca desta temática demandam investigações com maior profundidade e desdobramentos, envolvendo uma série de categorias de análise, que obviamente não dá para ser esgotado neste breve ensaio.

Na verdade, o texto que ora apresentamos para conclusão da disciplina “*Tópicos especiais em trabalho, sociedade e educação II. Estado e escola capitalista*”, trouxe mais dúvidas que respostas, o que consideramos um fator positivo, pois, os estudos propostos se tornaram instigantes, posto que, através das leituras adquiridas e diversas discussões levantamos diversos questionamentos, que consideramos de fundamental importância para o estudo sob a ótica da pesquisa na busca por uma educação que rompa com o currículo hegemônico.

Ficou evidente que para buscarmos o entendimento do que seria uma educação com vistas a uma Pedagogia crítica e transformadora, é fundamental que os educadores estejam engajados em trabalhar outro modelo de escola, e isto pressupõe outro modelo de sociedade. Por isso, consideramos pertinente, iniciar a escrita deste trabalho com a passagem textual de

---

<sup>5</sup> Grifos dos autores.

Marx “[...] o educador tem ele próprio de ser educado”, e mais adiante reafirmamos a importância de compreendermos e situarmos de onde estamos falando, quando nos propomos a trabalhar uma pedagogia para além deste modelo de educação formal.

Então, tratar desta temática é muito mais complexo do que talvez possamos imaginar. Definitivamente não é uma tarefa fácil. Por outro lado, este modelo de sociedade que ora vivenciamos não nos atende. Pior que isto, ele desmorona a olhos vistos, dia após dia.. Concordando com Fonseca (2012) “[...] a sociedade capitalista não tem mais como se reinventar”. Partindo desta máxima, talvez, esteja mais do que na hora de somarmos forças e conclamarmos outro modelo de sociedade. Qual modelo de sociedade? Alguém perguntaria. Está aí uma indagação que não saberíamos responder.

As políticas educacionais tentam realçar conteúdos, normas e diretrizes para a educação brasileira. É notório que vivenciamos um tempo em que temas como inclusão e autonomia dos sujeitos educacionais surgem como algo inovador para os gestores do atual modelo educacional. Ora, emerge aí uma gritante contradição: Como discutir inclusão num modelo cuja essência se constrói exatamente sobre a exclusão? Como discutir autonomia sob um modelo que necessita abolir este princípio para continuar produzindo mais-valia? Como debater princípios de inclusão e autonomia sob um paradigma que para subsistir precisa produzir exclusão como fonte de mais valia e, ao mesmo tempo necessita desmontar quaisquer referenciais que sugerem autonomia para que ele (o sistema) possa ter liberdade para produzir e expandir seus lucros? Como ter autonomia se o trabalho docente tem que seguir um receituário pronto, acabado, de cima para baixo e ancorado em princípios que tolhem a criatividade, a autonomia e a liberdade do professor em sala de aula? Como debater estes princípios se o sistema em voga produz, em série, e de forma exponencial, a exclusão, a discriminação, a segregação e a desigualdade social como forma de perpetuar suas formas de dominação?

Diante disso, nós educadores, precisamos, urgentemente, repensar nosso trabalho, bem como a educação e a escola inseridos no modelo de produção capitalista. O entendimento da educação neste contexto, demanda de nós, educadores e educadoras, enormes desafios e exige, acima de tudo, dedicação, compreensão política dos processos de exclusão, além da tarefa de enfrentamento, junto com nossos educandos, do sofrimento e dos conflitos do dia a dia, próprios de um ambiente marcado pela fome, pela miséria, pelo desemprego, além de altos índices de violência urbana, marca indelével de uma sociedade altamente desigual.

## Referências

APPLE, M. W. **Política Cultural e Educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

CHAUI, M. **Cidadania cultural: o direito à cultura**. 1 ed. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2006.

FONSECA, V. M da. “**O GIGANTE DOS PÉS DE BARRO**”: **capitalismo e desenvolvimento sustentável**. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Tese de doutorado, 2012.

FREITAS, L. C de. A Lógica da Escola. In: **Ciclos, seriação e avaliação: confrontos de lógica**. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

LOMBARDI, J. C. **Educação e Ensino na obra de Marx e Engels**. Campinas São Paulo. Editora Alínea, 2011.

LUCENA C., ET AL. PISTRAK E MARX: OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO RUSSA. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 271-282, abr, 2011 - ISSN: 1676-2584

LIMA, A. B de. **Uma escola para o trabalho ou uma escola para adestrar os trabalhadores? A construção de trabalhadores classificados**. Resultado de participação da Mesa Redonda intitulada As pesquisas em educação, trabalho e movimentos sociais: desafios e tendências, no GT Educação, Trabalho e Movimentos Sociais, em julho de 2012. (mimeo).

MARX, K; ENGELS, F. **Crítica da educação e do ensino**. Introdução e notas de Roger Dangevilhe. São Paulo: Moraes Editora, 1978.

MARX, K; Teses sobre Feuerbach. Transcrição autorizada. Edições Avante. Lisboa - Moscovo, 1982. Disponível em:

<http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>

MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx**. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

\_\_\_\_\_. **A educação Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.